

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA
PARTE I - O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA
16 e 22 de fevereiro de 2023

HELL IN THE PACIFIC / 1968 *(Duelo no Pacífico)*

um filme de John Boorman

Realização: John Boorman / **Argumento:** Alexander Jacobs, Eric Bercovici, segundo uma história de Reuben Berkovitch / **Fotografia:** Conrad Hall / **Direcção Artística:** Anthony D.G. Pratt, Masao Yamazaki / **Música:** Lalo Schifrin / **Montagem:** Thomas Stanford / **Intérpretes:** Lee Marvin (piloto americano), Toshiro Mifune (capitão Tsuruhiko Kuroda).

Produção: Reuben Berkovitch(Selmur Pictures) / **Cópia:** 35mm, colorida, versão original legendada eletronicamente em português, 101 minutos / **Estreia Mundial:** Dezembro de 1968 / **Estreia em Portugal:** Império, em 8 de Outubro de 1969

Terceira longa-metragem de um cineasta polémico. Após **Catch Us If You Can** (não confundir com o filme de Steven Spielberg) e de **Point Blank/À Queima Roupa**, John Boorman investe, com o mesmo espírito iconoclasta, sobre o filme de guerra, tomando um ponto de partida original e provocante, usando da metáfora para falar dos conflitos que opõem o género humano, do seu carácter artificial, resultantes de manipulações ideológicas, e de uma "civilização" que procura apagar os vestígios do passado, o primitivo instinto da luta pela sobrevivência. A partir de uma história do produtor Reuben Berkovitch, o argumento coloca frente a frente dois soldados inimigos que o são apenas devido às diferenças de origem e culturais, alimentadas pela classe no poder: um japonês e um americano, durante a segunda guerra mundial, a sós numa ilha deserta, vão ser forçados, pelas circunstâncias, a unirem esforços contra os elementos naturais, para sobreviverem. Se nos filmes anteriores se "ouviam" já os ecos do conflito "homem-natureza" (a luta pela sobrevivência individual num mundo-selva), em **Hell in Pacific** tal oposição torna-se determinante, abrindo os caminhos para a obra futura de Boorman, em particular para filmes como **Deliverance/Fim-de-Semana Alucinante**, **Excalibur**, **The Emerald Forest/A Floresta Esmeralda**, **Beyond Rangoon**, onde o ser humano enfrenta as forças "místicas" de uma natureza que o domina, e onde despertam os instintos primitivos recalcados, dando às personagens uma faceta animalesca.

Hell in the Pacific tem apenas duas personagens. A ideia não é inédita, nem pelo número (**The World, the Flesh and the Devil/O Mundo, a Carne e o Demónio**, de Ranald Mac Dougall tinha apenas três, e excepto pelo final **Heaven Knows Mr. Allyson/O Espírito e a Carne**, de John Huston, tinha também apenas dois) nem pelo tema de sobrevivência numa ilha deserta (não é preciso ir buscar **Robinson Crusoe**, embora a adaptação de Luís Buñuel paira, muito acima!, do filme de Boorman) ou de soldados nela perdidos durante a segunda guerra mundial (a obra prima de Sternberg, **The Saga of Anatahan**, é o exemplo maior). Mas se **Hell in the Pacific** não está à altura dos filmes de Buñuel e de Sternberg, deixa, de qualquer modo, muito para trás as adaptações do romance de William Goulding,

Lord of the Flies, e é muito mais sério na exposição de comportamentos das personagens e no processo da sua evolução. O japonês (Toshiro Mifune) foi o primeiro a chegar, organizando de imediato uma forma de sobrevivência precária, em particular a recolha de água, cuja ausência a torna o principal objectivo da luta. Chega depois, num barco de borracha, o americano (Lee Marvin). Para o japonês trata-se de defender o "seu" território do intruso. Nesta primeira fase do "duelo" apenas uma vez os dois se encontram frente a frente. E é nesse momento que Boorman coloca as únicas cenas que não tem qualquer realidade efectiva, representando o "cálculo" que ambos fazem do resultado da luta (o golpe da estaca que parte o pescoço do americano; o japonês morto pela baioneta do inimigo) e que os leva a fugir ao combate (manifestação imediata do instinto de sobrevivência).

Praticamente metade do filme vai concentrar-se neste jogo de gato e rato entre os dois homens, ao longo do qual a faceta "animal" dos dois homens se vai afirmando e impondo. A guerra em que como "soldados" tinham participado, estava longe, assim como os valores culturais porque ambos combatiam. Agora trata-se da mera sobrevivência, a conquista das coisas mais básicas: primeiro a água, depois a comida, a defesa contra o outro, a delimitação dos "territórios". É uma forma de civilização que assim se vai organizando em embrião, e cuja evolução levará a uma espécie de um "compromisso" que tem por objectivo a sobrevivência "comum" (não por qualquer princípio de "fraternidade", mas porque a vida de cada um depende do outro, e a saída de ambos da ilha, depende do trabalho em conjunto). A metáfora de Boorman é transparente: é a história da passagem do estado selvagem para o civilizado que o realizador encena e a que volta em **Deliverance** e **The Emerald Forest**. O problema é que Boorman não resiste a extrair uma "moral" da sua "fábula", que sublinha a sua visão pessimista dessa evolução: mais evoluído não quer dizer "melhor" (a "mensagem" é mais evidente em **The Emerald Forest**). Basta o reencontro com os sinais da "civilização" a que pertencem (e as fotografias de guerra na "Life" que encontram no "bunker"), para que os dois homens "esqueçam" o passado, o trabalho comum, e assumam de novo as atitudes agressivas de dois soldados inimigos frente a frente. A visão da futilidade da guerra é reforçada pelas frases agressivas que atiram um ao outro, e o absurdo pelo facto de não entenderem o sentido delas. Isto e a interrogação do americano ao japonês sobre Deus, mostra como tantas guerras nascem de equívocos, mal-entendidos, recusa de compreender o outro. Em nome de Deus ou... do petróleo!

A conclusão do filme aparece algo brusca e brutal. Contudo não era este o final que Boorman tinha em mente. Boorman acabava o filme com os dois homens, afastando-se em direcções opostas. Sem o direito ao "final cut", o realizador viu a conclusão ser alterada pelos produtores para aquela que vamos ver. Também a música de Lalo Schiffrin, algo cacofónica e por vezes redundante, não era a que o realizador desejava. Apesar destas diferenças, **Hell in the Pacific** é um dos filmes mais sugestivos do cinema de Boorman e da sua visão do mundo.

Manuel Cintra Ferreira